



# PORTUGAL DEMOCRÁTICO

ANO XVIII — N.º 180 — SÃO PAULO — SETEMBRO DE 1973 — RED. R. LIBERO BADARÓ, 488 - 5.º ANDAR - S/50 — CAIXA POSTAL 6248 - PREÇO Cr\$ 1,00

## A GUINÉ BISSAU NAS VÉSPERAS DA INDEPENDÊNCIA

Amílcar Cabral estava certo ao dizer que o colonialismo pode assassinar os homens, mas que as ideias ficam. Ele próprio foi vítima do odio cego do colonialismo, mas alguns meses após a sua morte pode-se afirmar que seus planos estão sendo integralmente executados e que o povo da Guiné-Bissau está prestes a oficializar aquilo que conquistou durante dez anos de luta: a independência nacional.

O II Congresso do PAIGC, realizado de 18 a 22 de julho em áreas libertadas do Leste da Guiné-Bissau tomou importantes decisões, entre as quais a escolha, por unanimidade, de ARISTIDES PEREIRA para secretário geral do Partido.

O Congresso decidiu criar um Secretariado Permanente do qual farão parte, além do secretário geral, mais três elementos: LUIS CABRAL, secretário geral adjunto; FRANCISCO MENDES e JOÃO BERNARDO VIEIRA (NINO).

O plenário responsabilizou o colonialismo português pelo assassinio de Amílcar Cabral e decidiu conceder ao grande herói africano o título de "Militante n.º 1 do PAIGC".

O Congresso decidiu também convocar a Assembleia Nacional Popular para data a fixar, durante o ano corrente, a fim de que ela cumpra a sua primeira missão histórica: "a proclamação do Estado da Guiné-Bissau, a citação de um Executivo para esse Estado e a adoção da primeira Constituição da nossa História".

O Congresso aprovou uma Resolução na qual proclama a solidariedade do PAIGC "às forças anti-colonialistas e anti-fascistas de Portugal, cuja ação concreta contra a criminosa guerra colonial, ao contribuir para apressar a liquidação do colonialismo português

em Africa, é um factor de preservação dos laços de amizade entre o povo português e o nosso povo".

### SAUDAÇÕES

Logo que no Brasil se soube da nomeação de Aristides Pereira, o

prof. Ruy Luis Gomes, representando o nosso jornal, enviou-lhe o seguinte telegrama:

"Em nome companheiros Portugal Democrático nossas felicitações sua eleição secretário geral PAIGC, com votos próxima independência Guiné-Bissau".

### COMO LIDICE, OURADOUR, MY LAI, SAKIET

As atrocidades cometidas pelo exército português, pelo seu horror e barbárie, exprimem a verdadeira natureza do regime colonial português. Tal como as camaras de gás dos campos de concentração nazis, como os massacres de Lydice na Tchecoslovaquia, de Oradour na França exprimiram a verdadeira natureza de Hitler e do nazismo, como Sharpeville exprimiu a verdadeira natureza do regime da Africa do Sul, como Sakiet Sidi Youssef exprimiu a verdadeira natureza do colonialismo francês na Argelia, como Deir Yassin na Palestina em 1948 mostrou a verdadeira natureza do sionismo, como Guernica na Espanha mostrou a natureza do fascismo franquista, como My Lai exprimiu a verdadeira natureza do imperialismo americano no Vietnam, cada guerra colonial, cada guerra racista, cada guerra nazi, cada guerra imperialista carrega em si um Mueda (1), um Sharperville, um Pidjiguiti (2), um Icolo e Bengo (3), Oradour, um Guernica, um My Lai, um Sakiet Youssef, um Deir Yassin...

É necessário que compreendamos esses fatos, essas realidades dessa maneira. Só então estaremos em condições de compreender essa outra realidade, mais simples: todo acto do regime colonial fascista português é um crime. Enquanto ele subsistir, o crime perdurará.

— Declaração feita a 20 de julho de 1973, por Marcelino dos Santos, vice-presidente da FRELIMO, no Comité de Descolonização da ONU, em NOVA YORK.

- (1) Massacre em Moçambique, 1960
- (2) Massacre na Guiné-Bissau, 1959
- (3) Massacres em Angola, 1960



### OS WILLIAMOS ESQUECIDOS

Há 13 anos que o Exército colonialista português comete em Africa chacinas e crimes semelhantes às atrocidades que tornaram mundialmente famosa a aldeia de Williamos, agora condenadas pelo Papa Paulo VI. A foto mostra soldados e oficiais portugueses exibindo em Angola, no ano de 1962, a cabeça de um patriota africano degolado. É uma imagem do colonialismo fascista português.

## O JOGO DAS ELEIÇÕES

Começará em breve, e vai durar um escasso mês, a campanha eleitoral no nosso país. Vai desenrolar-se, preparam todos os observadores, segundo regras há muito estabelecidas, como um jogo em que um dos parceiros, não só conhece todas as cartas, como se dá ao luxo de aparentar limpeza de lances, guardando entretanto a liberdade de realizar os golpes mais sujos e até mesmo de derrubar a mesa, se o mínimo perigo o ameaçar. Aparentemente, do outro lado, o jogador acha-se à mercê deste adversário, sem trunfos, sem tempo para preparar as jogadas.

Uma análise mais profunda e objetiva das condições em que a luta se vai travar, mostra-nos entretanto que a situação não está na verdade tão risonha para o primeiro jogador — o Governo de Marcelo Caetano — como parece à primeira vista. Com efeito, Portugal atravessa presentemente uma situação em que certos aspectos — e dos mais importantes — são favoráveis às forças da Oposição, se esta souber aproveitá-los. Em primeiro lugar, devemos apontar entre estes factores propícios às forças democráticas, a evolução da economia portuguesa nos últimos tempos, a qual atingiu um ponto que não é exagerado classificar como desesperado. Inflação, chegando a níveis nunca atingidos em Portugal, carestia de vida insuportável, sobretudo se levarmos em conta que no nosso país os salários se acham rigidamente congelados, gastos astronómicos com a guerra colonial, provocando total desequilíbrio da balança comercial, tudo isto constitui um panorama sombrio para os caetanistas. O descontentamento popular, em relação a estes aspectos, deve ser canalizado devidamente em termos eleitorais, o que permitirá uma ofensiva democrática de grande estilo.

Considerações semelhantes podem ser feitas em torno do problema colonial. É geral a revolta contra a situação degradante a que o regime conduziu o nosso país, nesse campo, não só do ponto de vista económico, mas também e sobretudo sob o prisma moral. As revelações agora sem possibilidades de resposta e de subterfúgios, dos atos criminosos praticados em Africa pelas tropas caetanistas, colocam o governo numa posição de baixa a que raras vezes governos portugueses têm descido. Agora, já não são apenas os democratas portugueses que denunciam como sempre fizeram, as chacinas cometidas pelo colonialismo. De todos os lados, do mundo inteiro, sem discriminações de matizes políticos ou religiosos, se levanta uma voz unânime condenando em nome dos mais elementares direitos

do Homem, os crimes da guerra colonial, que o próprio governo de Marcelo Caetano foi obrigado a confirmar. Em Angola, em Moçambique, na Guiné, a denúncia de sucessivos e inacreditáveis massacres, estarrece a humanidade que manifesta uma repulsa cada vez maior em relação a um governo que permite o genocídio requintado que os mercenários criminosos a serviço do caetanismo estão praticando nas colonias.

A esta repulsa, no plano ético, acrescenta-se, no campo das armas, o êxito que vem acompanhando os golpes desferidos pelos guineenses, moçambicanos e angolanos contra o aparelho militar opressor.

O povo português, que sofre estes golpes diretamente na carne dos seus filhos, não pode deixar de acompanhar a reprovação universal contra o governo. E este é também um ponto que contará no jogo eleitoral.

Para que estes dois factores repercutam, como devem, nas "eleições", será necessário que se trave simultaneamente uma luta pelo decisivo reconhecimento dos direitos democráticos fundamentais. Sem este pressuposto, de liberdade de informação, de reunião, de exercício dos direitos sindicais, o pleito será mais uma vez totalmente fraudado.

Nada disto significa, que o desanimo deva atingir as forças democráticas. Pelo contrario, o período pre-eleitoral, embora curto, deve servir para esclarecer o nosso povo precisamente em relação a tudo que acabamos de apontar. Esta tarefa só pode ser desempenhada com êxito se soubermos enfrentá-la unidos, preocupando-nos agora fundamentalmente com o problema específico de que se trata, isto é, consagrando-nos à ofensiva de desmascaramento da situação, se não total como desejariamos, pelo menos de forma a não descurar a menor abertura que se nos ofereça.

Exijamos portanto que o governo português dê ao nosso povo as condições mínimas para exprimir a sua opinião quanto aos problemas que o afligem. O caetanismo não largará sua presa se um forte impulso popular, consciente e unido, não impuser a sua vontade. Talvez nunca tantos factores positivos se tenham apresentado de forma a permitir que se desencadeie esse impulso. O amadurecimento das contradições que o caetanismo enfrenta é mais visível do que nunca. Por isso, se conseguirmos aproveitar a oportunidade, o sentido do jogo de que acima falamos pode ser invertido e as forças democráticas poderão levar o governo a um recuo.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

## SUIÇA CONTRA COLONIALISMO

O repúdio mundial à política colonialista do governo fascista de Caetano está assumindo proporções cada vez maiores, envolvendo países onde, até agora, as manifestações de solidariedade aos povos de Portugal e das nações africanas oprimidas pelo regime de Lisboa eram inexpressivas. É o caso da Suíça.

Em Lausane mais de tres mil pessoas participaram de uma concentração em frente do pavilhão de Portugal na Feira Internacional daquela cidade. A polícia teve de intervir para evitar que a multidão invadisse o stand português. Os choques registrados deixaram um saldo de 19 feridos e várias bombas foram atiradas contra o pavilhão.

O bispo de Lausane, mons. Pierre Mamie recusou o convite para assistir à inauguração da Feira esclarecendo que não compareceria para marcar seu protesto contra "as injustiças cometidas nas colonias portuguesas contra a população africana e missionários católicos e protestantes".

### Nesta Edição

- Conspiração contra o MPLA — pág. 4
- A greve dos bancários — pág. 4
- A greve da TAP — pág. 4



# Frelimo abre nova frente

Os combatentes pela Liberdade da FRELIMO penetraram mais no interior de Manica e Sofala, na região central de Moçambique, e acham-se agora mais perto do que nunca da estrada e da ferrovia entre Umtali e o porto da Beira, no Oceano Índico. Um comunicado da Frente de Libertação de Moçambique, publicado em Dar-es-Salaam anunciou que a luta armada se estendeu em Março a duas novas regiões, Pungoe e Gorongosa, situadas aproximadamente no centro de Manica e Sofala. Esta afirmação com o que foi anunciado pelo próprio Governo português, na semana passada, quando se informou que a Frelimo estava combatendo na parte montanhosa de Gorongosa, apenas a 96 quilómetros da estrada e ferrovia Beira-Umtali.

O comunicado da Frelimo cobre o período entre Março e Abril e informa que neste período os combatentes da liberdade desencadearam 24 grandes emboscadas em Manica e Sofala, matando mais de 70 soldados inimigos e destruindo 16 veículos. Uma das emboscadas verificou-se às 14 horas de 19 de Março, na estrada entre o Parque Nacional de Gorongosa e a cidade de Faiva de Andrade. Os guerrilheiros detiveram dois caminhões carregados com madeira do Parque, queimaram-nos e libertaram os condutores e ajudantes. Outra emboscada verificou-se em 18 de abril na estrada entre a madeireira de Nhangalale e a cidade de Sena, quando foram queimados também um caminhão e a madeira que carregava, com a consequente libertação do condutor e ajudantes. Segundo o comunicado, pouco depois da Frelimo ter estabelecido a sua estrutura militar, na região de Gorongosa "os nossos companheiros receberam queixas de que muitos moçambicanos da zona de Khaunda, foram recentemente expulsos das suas terras férteis, que são agora propriedade dum português chamado Fernando". Então, a Frelimo entrou em ação. "A propriedade foi atacada e 20 moçambicanos, que trabalhavam num regime semelhante ao de trabalho forçado, foram libertados, depois de ter sido explicada a razão e os objetivos da nossa ação". Os dois armazéns da propriedade foram incendiados, acontecendo o mesmo com a casa e um trator Caterpillar. O proprietário, estava ausente. Os combatentes da liberdade também interromperam as comunicações entre a parte norte de Manica e Sofala em Abril. Na estrada entre Changara e Guro destruíram três postes telefónicos e cortaram 450 metros de fio em 17 de abril. Em 30 de abril destruíram 12 postes e cortaram 1.500 metros da linha entre Mangaricuro. Notícias de Lisboa anunciam que os fascistas estão preocupados com os últimos acontecimentos na província, pela ameaça que constituem para a ligação Beira-Umtali. Todos os anos milhares de turistas atravessam Moçambique usando esta estrada e os ataques da Frelimo são um golpe severo para o turismo na Beira. Mas a razão mais importante para a preocupação dos colonialistas é que esta província e uma das mais prósperas de Moçambique. Para defender os seus interesses agrícolas, mineiras e industriais os colonialistas vão ter que exigir mais do seu já cansado Exército. (In "Daily News", Dar. Es-Salaam, 10-7-73).

## Caetano acossado

O Governo português talvez venha a nomear uma comissão judicial interna para examinar as denúncias de massacres em Moçambique. É o que se soube hoje de fontes autorizadas em meio a indícios de que o Governo está profundamente perturbado pela repercussão do que é tido como uma entrevista com um sobrevivente dum massacre levado a cabo pelo exército próximo à cidade de Tete.

Todo o problema dos massacres entrou novamente em ebulição depois da publicação dessa entrevista e a imagem de Portugal no exterior está sendo empanada dum maneira que não se verificava há mais de uma década.

Há algumas temíveis manifestações entre influentes grupos de opinião da Europa Ocidental, como

o partido do governo da Alemanha Ocidental, e profundo recelo em Lisboa de que Portugal venha a encontrar problemas em escala sem precedentes nas suas relações internacionais.

As autoridades de Lisboa mostram-se completamente confusas, sem saber como lidar com uma situação cada vez mais complicada. A ideia de designar um juiz português para investigar imediatamente as denúncias não leva em conta o fato de que isso teria limitado alcance internacional, e que seria ridicularizado como produto do mesmo sistema judicial que mantém dois padres espanhóis presos há 18 meses, sem julgamento em Lourenço Marques.

Até agora, quatro semanas passadas sobre a publicação pelo Times das primeiras denúncias de massacres, nem ao menos um funcionário categorizado do governo de Lisboa foi enviado a Tete mesmo que fosse para uma simples avaliação da situação local, e as linhas de comunicação entre Lisboa e Moçambique estão, como sempre, emperradas, para não dizer coisa pior.

Um comentarista local disse: "O Governo está tentando defender-se com base em informações de funcionários da administração de Moçambique que nem sequer têm consciência da importância, para Portugal, do que se está passando; eles estão tão longe que não percebem a importância do que está acontecendo. Não lêem a imprensa internacional e por isso não entendem a situação crítica em que o país se encontra".

Há um forte ressentimento em algumas esferas do governo de Lisboa com as atividades da Direção Geral da Segurança em Moçambique. Tendo apreendido as fitas com a gravação da entrevista feita pelo repórter do Sunday Times, Peter Pringle, nada informaram a Lisboa sobre o seu conteúdo, e as revelações feitas, no fim da semana tomaram Lisboa completamente de surpresa.

Entretanto o interesse em relação às denúncias deslocou-se para as suas projeções em Moçambique. Há um interesse imediato em encontrar o rapaz sobrevivente, António, mencionado na reportagem do Sunday Times, e outros citados numa entrevista dada por padres espanhóis em Londres. Um teste óbvio parece estar em se saber se esses "sobreviventes" saberão conduzir observadores até local onde dizem que ocorreu, um massacre. Se as autoridades portuguesas de Tete concordarem ou não com esse teste já é outra questão. Se António e os outros não foram apresentados para uma investigação mais completa haverá mais problemas para Portugal.

Pela primeira vez, também, padres ainda residentes em Moçambique, responsáveis pela redação do primeiro relato sobre o massacre de Wiriyamu, foram identificados, e haverá muito interesse sobre o seu futuro em Moçambique.

Com efeito, tudo indica que o assunto virá a ter maiores consequências em Moçambique e há indícios de que a programada viagem de férias do Governador-Geral, senhor Pimentel dos Santos, a Lisboa, pode ser cancelada em vista da rápida evolução dos acontecimentos.

(Bruce London, in Financial Times, Londres)

## "Um ponto para a Frelimo"

"A repercussão dos massacres portugueses em Moçambique tende a isolar cada vez mais o governo de Lisboa no plano internacional. Essa verificação terá, entretanto, de ser confirmada a curto e médio prazo. Pode-se afirmar, contudo, que as tomadas de posição de organizações políticas e de personalidades que até agora nada tinham censurado à política lusitana, devem pelo menos, preocupar as autoridades portuguesas.

No dia 6 de agosto, o vice-presidente da FRELIMO, Marcelino dos

Santos, avistou-se em Bonn com Hans Juergen Wischniewski, o responsável pelas Relações Exteriores do Partido Social Democrata Alemão (SPD). No final do encontro, um comunicado salientou a existência de "uma concordância de pontos de vista em relação a uma série de pontos" entre a FRELIMO e o SPD, ajudando também ao apoio político que o partido alemão-ocidental pretende dar à organização combatente moçambicana, defendendo a realização de uma conferência internacional sobre as guerras coloniais portuguesas, com a participação dos partidos sociais-democratas dos demais países da NATO.

A iniciativa do SPD foi como era de esperar, severamente criticada pela oposição democrata-cristã e, nomeadamente, pelo jornal conservador "Die Welt" que perguntou se "o partido governista manifesta o mesmo empenho em relação aos adversários das ditaduras comunistas da Europa Oriental?" Essa falsa querela alimentada com argumentos tirados do arsenal da guerra fria revela, porém até que ponto a visita do líder moçambicano perturbou o establishment germano-ocidental. Em certa medida, evidentemente. Porque, diante das reações internas, apoladas por um veemente protesto da Embaixada de Portugal em Bonn, o secretário de Estado para a Informação, Ruediger Von Wechmar julgou oportuno fornecer aos jornalistas um estranho esclarecimento: o apoio concedido à



Marcelino dos Santos vice-presidente da FRELIMO, conversa em Bonn com Hans Juergen, dirigente do Partido Social Democrata alemão.

FRELIMO pelo SPD, tal como as críticas formuladas contra Portugal por esse partido, não implicavam uma mudança na atitude do governo da RFA perante Lisboa.

No momento, portanto, a política do partido do sr Willy Brandt não pode ser aplicada pelo governo do sr Willy Brandt que, convém não esquecer isso, fornece a Portugal aviões previamente comprados em Itália, os FIAT-G 91. Mas a tomada de posição do SPD não deve também ser subestimada. É a primeira vez que um partido da Alemanha Ocidental estabelece contactos com um movimento de

libertação. Isso, quer queiram quer não, afeta a credibilidade do governo de Lisboa. Tanto mais que, em muitos países da Europa aumentam as reticências em face de Portugal. O governo da Holanda por exemplo, proibiu uma esquadra da NATO, de que fazia parte uma fragata portuguesa, de efetuar uma visita a Amsterdam, prevista para fim de Agosto.

Com a Noruega e o Canadá, a Holanda é o terceiro país da NATO a marcar distância vis à vis do aliado português.

(in "Jeune Afrique", 18-8-73)

## Holanda contra Marcelo Caetano

Não obstante o numero de trabalhadores portugueses fixados na Holanda ser relativamente pequeno, ela é hoje um dos países europeus onde a campanha de denúncia do fascismo e do colonialismo português está encontrando maior receptividade entre a opinião pública. Vários são os fatores que explicam esse paradoxo aparente. Em primeiro lugar, o núcleo local de democratas portugueses está unido e trabalha organizadamente. Sem o esforço inicial desse punhado de antifascistas — que tem hoje como principal meio de expressão a "Tulipa Vermelha" — o trabalho de esclarecimento de amplas camadas do povo holandês não teria sido possível. Sucessivamente, organizações solidárias com a luta dos povos coloniais foram surgindo, desempenhando um papel cada vez mais importante. Entre todas destaca-se, pelo seu prestígio e pela repercussão das suas iniciativas, o Angola Comité. Foi do Angola Comité que partiu a iniciativa de editar, sob sua exclusiva responsabilidade, o boletim Facts & Reports, um jornal quinzenal cuja leitura se tornou indispensável a todos aqueles que no mundo desejam acompanhar o combate dos povos africanos pela auto determinação e pela independência, pois é uma síntese, notavelmente bem feita, dos melhores artigos, comentários e notícias relacionados com a guerra colonial e a situação existente nos países da Santa Aliança da África Austral.

Não é de estranhar assim que a Holanda tenha sido um dos países que reagiu com maior indignação às notícias sobre o massacre de William.

A visita de Marcelo Caetano a Inglaterra para comemorar os 600 anos da famigerada "aliança" também foi muito comentada. No dia 17 de julho, uma carta assinada por 23 organizações, comitês e partidos políticos foi entregue na Embaixada de Inglaterra. Os signatários, depois de denunciar os objetivos da visita, protestavam contra o apoio oficial britânico ao fascismo português e manifestavam sua solidariedade aos movimentos de libertação das colônias portuguesas e ao povo português. Entre as organizações que firmaram o documento, contam-se o Angola Comité, a Tulipa Vermelha, a Associação Cabo-Verdiana e o Secretariado dos Refugiados Portugueses.

A televisão, a rádio e a imprensa da Holanda deram ampla cobertura à iniciativa, divulgando extractos da carta e os nomes dos signatários.

## As máximas de monsenhor Custodio

Na opinião do arcebispo de Lourenço Marques, mons. Custódio Alvim Pereira, o slogan "A África para os Africanos" constitui "uma mentira filosófica e um desafio à civilização cristã". Sua excelência reverendíssima assumiu uma atitude oposta à do Papa em relação às chacinhas praticadas pelo Exército português em Moçambique.

Paulo VI condenou os atos de genocídio que eliminaram do mapa a aldeia de William, mas D. Custódio, na qualidade de máxima autoridade eclesiástica de Moçambique, proclama que o massacre é uma invenção da propaganda comunista e garante a pés juntos que a aldeia não existe. O arcebispo é um espírito coerente: sempre foi um zeloso defensor do colonialismo e das suas virtudes. Seus "princípios educativos", expostos durante um curso para seminaristas, são famosos em Moçambique. Publicamos, a seguir algumas dessas máximas, muitas das quais incluem homilias dirigidas aos fiéis de sua arquidiocese: "A independência não desempenha qualquer papel no tocante ao bem estar do homem desde que não existam condições geográficas e culturais". "Mesmo que essas condições existam, a mãe pátria tem o direito de se opor à independência". "As pessoas instruídas têm o dever de fazer perder as ilusões de independência às pessoas sem instrução". Cabe acrescentar que o ex-comandante chefe de Moçambique, general Kaulza de Arriaga, responsável pelo massacre de William, lamenta que D. Custódio não tenha recebido ainda o chapéu cardinalício. (MR)

(in "Jornal do Bairro", São Paulo)

## PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL  
Edison Rodrigues Chaves

### REPRESENTANTES

RECIFE: Angelo Ferreira da Silva  
R. do Hospício, 148, L.º, Apto. 108  
LONDRINA: Julio Duarte —  
Edifício Centro Comercial —  
Apto. 141  
INGLATERRA: Portuguese And  
Colonial Bulletin - 10 Pentimian  
Road, London, S. W. 8  
BELGICA: Antonio Casanova  
35, rue Montenegro, 1060 —  
Bruxelas — Belgique

HOLANDA: TULIPA VERMELHA —  
Post-bus 12039 —  
AMSTERDAM — BIJMERMEER  
CANADA: Portuguese Canadian  
Democratic Association P. O.  
Box 72, WESTON-ONTARIO  
VENEZUELA: Junta Patriótica  
Portuguesa — Apartado 8287 —  
Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica  
Portuguesa del Uruguay Casilla  
de Correo n.º 2128 — Distrito 5  
Montevideo  
CHECOLOVAQUIA: João Ribeiro —  
Postovní Úrad/Jindřichská  
UL, C. 14 Štránka 646 - Praha 1  
FRANÇA: Grupo de Amigos de  
"Portugal Democrático" - 2, Place  
François Villon - Escalier E —  
La Courvenneuve - Seine - França

### REDAÇÃO:

Rua Líbero Badaró n.º 488 —  
5.º andar - S/ 50 - Fone: 37-0933  
Caixa Postal, 6248  
São Paulo — Brasil

### EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas  
Assinatura para o exterior  
US\$ 8,00  
Composto e impresso:  
Sociedade Imprensa Pannartz  
Lda.  
Rua Almeida Torres N.º 119 —  
Prédio IV - Aclimação - S. Paulo

ANO XVIII N.º 180  
SETEMBRO 1973

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade



# Notas e Comentários

# Pequenas Notícias

## ENCRUZILHADA

Depois de — quantas vezes? — os generais de Caetano terem liquidado definitivamente o inimigo, a situação militar nas três colônias em guerra apresenta-se crítica. A cada aniquilamento definitivo a FRELIMO penetra mais profundamente no território de Moçambique. O médico de Franco não sabia disso e pagou caro: foi abatido ali mesmo na Gorongosa em pleno coração de Manica e Sofala, última frente militar a ser aberta, e a menos de 100 km da estrada e da via férrea internacionais, que ligam a capital da Rodésia ao porto da Beira. Devido ao encerramento da fronteira da Zâmbia com a Rodésia, por essas vias não circulam mais mercadorias do primeiro país nem de outro qualquer país amigo da FRELIMO. Quer dizer que elas não poderão contar com o "estatuto" que protege, por exemplo, o caminho de ferro de Benguela. A implantação militar da FRELIMO no distrito de Tete parece inabalável, apesar do esforço combinado das forças portuguesas e rodesianas, e também da colaboração dos sul-africanos para a expulsão. Na Guiné as coisas não correm melhor para as forças colonialistas. O PAIGC domina solidamente as regiões conquistadas e vem dizendo espetacularmente a força aérea colonialista, podendo, a qualquer momento, declarar solenemente a independência do país. A situação militar em Angola evoluiu igualmente a favor das forças que combatem pela independência. Aqui, as forças de libertação terão em breve acrescido consideravelmente o seu potencial de combate.

Faltava, no plano político uma imposição da realidade dessas guerras à consciência universal em grau condizente com a sua importância. No mais puro sentido dialético da história o colonialismo, entregando-se a orgias de brutalidade consentidas pela sua moral e estupidamente admitidas como meio eficiente de se impor aos povos dominados, acaba de gerar o que estava faltando: o conhecimento, pela opinião pública de todo o mundo, da sua verdadeira face e a maior onda de repúdio às guerras coloniais até hoje desencadeada.

Escreveu o reporter Bruce Loudon, sempre tão condescendente para com as autoridades colonialistas de Lisboa, tão predisposto a compreender os seus deslizes, que talvez Portugal venha, em consequência das provas de massacres em Moçambique, a encontrar problemas sem precedentes nas suas relações internacionais. Já está encontrando: pela primeira vez o Governo de um país membro da OTAN (a Itália) dirigiu um apelo ao Governo português para que resolva o problema colonial. Outro Governo da OTAN, (o da Holanda), negou permissão a uma flotilha da organização de fundear um porto do país porque da mesma faziam parte unidades portuguesas.

Também diz Bruce Loudon que as autoridades de Lisboa estavam completamente às tontas em face da situação criada pelas denúncias dos massacres. Já o tínhamos

percebido: enquanto o sr. Marcelo Caetano reconhece publicamente que as tropas coloniais "cometeram excessos", os funcionários e simpatizantes de seu governo no exterior continuam dizendo que é tudo mentira, que as atrocidades são pura invenção de padres colaboradores da FRELIMO. É a confusão geral.

## SPINOLA E A CRISE DO REGIME

Em recente entrevista publicada no jornal O ESTADO DE SÃO PAULO o general António Spínola disse coisas incomuns. Incomuns, bem entendido na boca de pessoas com altas responsabilidades no regime e parece ter sido isso que determinou o afastamento do general do governo e do comando militar da Guiné. Confessou que não vê possibilidade de uma solução militar para o problema daquela colônia. Inadmissível! Tal confissão abre uma brecha insustentável no aparelho propagandístico que o governo tão laboriosamente havia construído para vender as suas teses colonialistas. Não podia deixar de lhe custar o cargo.

Mas a entrevista contém outros elementos importantes. Spínola reconhece entre outras coisas: que a guerra da Guiné é um conflito social entre o povo da colônia e o poder colonial e não um problema artificialmente criado a partir de fora; que, enquanto o exército cumpriu o seu papel — sendo o aspecto militar apenas um dos aspectos do problema — o governo foi incapaz de cumprir o papel político que lhe cabia e no qual, em última análise, deveriam radicar as soluções de profundidade; finalmente, que a independência é uma das soluções admissíveis para o caso da Guiné.

É claro que Spínola diz tudo isso de modo indireto, numa linguagem cuidadosamente elaborada, com a ajuda de uma finesses de raciocínio que também é pouco comum aos homens do regime, sobretudo aos seus generais. Fica bem evidente que não estamos em face dum Kaulza qualquer. Para chegar a conclusões que convenham à filosofia do regime escolhe com sutileza premissas que sirvam a essas conclusões.

Assim foge à necessidade do raciocínio espesso e sinuoso tão característico à maioria das personalidades que povoam o universo do poder corporativo-colonialista.

Mostrando conhecer e respeitar dados como a "coerência histórica" a "tradição cultural" e a "moral dominante da época", sem lhes dar uma conotação fascista o general Spínola demonstra também que há, inevitavelmente, algo de forçado no ajuste da sua personalidade aos papéis impostos aos elementos que integram o sistema do poder. Não ficamos muito surpreendidos, pois, se vissemos um dia o General António Spínola romper seus atuais compromissos com o sistema e adotar uma posição crítica ou até de aberta oposição. Não seria o primeiro exemplo na vigência do regime fascista.

As circunstâncias atuais são particularmente desfavoráveis para a autoridades lisboetas e portanto propícias ao aprofundamento do trabalho de todas as organizações anti-colonialistas e anti-fascistas. Seria imperdoável que elas não fossem devidamente aproveitadas.

\*Mais de 25 pilotos portugueses participaram de cursos especiais no Estados Unidos, antes de serem enviados para Angola, Moçambique e Guiné. A revelação foi feita por Charles Diggins ao depor perante uma subcomissão do Congresso Norteamericano.

\*Violando, mais uma vez, as leis de embargo, o governo de Richard Nixon autorizou a venda ao governo português de vários aviões de caça, no valor de 3.3 milhões de dólares.

\*A propósito de comunicado da Unidade Democrática Portuguesa distribuído à imprensa brasileira e internacional após a chacina de William, comunicado no qual se aludia a numerosos outros crimes do colonialismo português, com citação dos nomes de seus autores, a direção do "Times", de Londres, escreveu amável carta ao prof. Ruy Luis Gomes, primeiro signatário do documento.

\*Durante a visita a Addis-Abeba do presidente Siaka Stevens, os governos da Etiópia e da Serra Leoa divulgaram uma nota conjunta condenando os regimes colonialistas de Portugal, Rodésia e África do Sul.

\*O representante da Holanda no Conselho Económico e Social das Nações Unidas defendeu em Genebra a ajuda das agências especializadas da ONU aos movimentos de libertação africanos nas áreas libertadas da Guiné-Bissau, de Angola e Moçambique.

\*O governo belga continua sendo um dos bons aliados de Caetano. Seu embaixador em Lisboa, Max Wéry, acaba de realizar uma visita oficial a Angola e Moçambique. Regressou fazendo os maiores elogios a tudo o que viu. É um saudista do colonialismo.

No consulado português de Port of Spain, na Trinidad, explodiu uma bomba no dia 25 de julho. Outro petardo foi descoberto pela polícia na sede da Associação Portuguesa.

\*Em Moscou, o Sinodo da Igreja Ortodoxa Russa divulgou nota manifestando sua indignada repulsa diante dos crimes praticados pelo colonialismo português em Moçambique. O patriarca de Moscou definiu o massacre de William como "típico da refinada tática repressiva aplicada pelos portugueses".

\*Numa conferência de imprensa em Dakar, o novo secretário geral do PAIGC, Aristides Pereira, denunciou uma série de atos de genocídio cometidos ultimamente pelas forças colonialistas portuguesas na Guiné-Bissau. O principal desses atos criminosos foi o bombardeio no dia 20 de julho, da Ilha de Como, Libertada há anos pelos patriotas do PAIGC. Durante o raído, 33 civis, na maioria mulheres e crianças morreram vítimas das bombas de Napalm e de fósforo.

\*O diretor do American Committee for Africa, George Houser, declarou em Lusaka, Zâmbia, que a organização a que preside está aumentando sensivelmente a ajuda aos movimentos de libertação das colônias portuguesas.

O governo da Romênia reconheceu oficialmente a FRELIMO, que

tem agora um representante permanentemente em Bucarest, Armando Panguene.

\*Em julho, as forças do PAIGC, em operações realizadas em várias frentes de combate destruíram quinze veículos militares e capturaram grandes quantidades de armamento. As baixas portuguesas ascenderam a 80 mortos e dezenas de feridos.

\*Em Luanda, a polícia evitou que uma bomba, colocada por desconhecidos no carro de um bancário, explodisse. Em Malange foram descobertas, também em automóveis, cinco bombas.

\*Segundo o "Times", de Londres, um raído guerrilheiro fez 22 vítimas perto da vila de Songó, no Norte de Angola.

\*O diretor da Agência ANI, Dutra Faria estabeleceu um paralelo, num dos seus artigos entre Hitler e o atual ministro da Ajuda ao Desenvolvimento da República Federal Alemã, sr. Ehrhard Eppler. Dutra não vê diferenças sensíveis entre ambos. Porque? Eppler apenas declarou que Portugal tem de escolher entre as suas colônias africanas e seus laços económicos com a Europa dos Nove. Cabe recordar que Dutra Faria, sim, é um fascista confesso.

\*O governo da Rodésia mostra-se preocupado com a onda de refugiados que está chegando ao país procedente de Moçambique. Embora não tenham ilusões sobre o tipo de vida que os espera sob o regime racista de Ian Smith, os fugitivos estão dispostos a tudo para se livrarem dos "aldeamentos" criados em Moçambique pelo general Kaulza de Arriaga.

\*Em Pequim, faleceu no dia 13 de julho, Viriato Cruz, ex-secretário geral do Movimento Popular de Libertação de Angola. Viviu na China desde 1965.

\*Confirmando declarações de missionários holandeses, o chamado Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), com sede em Kinshasa, no Zaire, informou que em Quibaxe, a 150 quilómetros de Luanda, as tropas portuguesas massacraram 130 africanos.

\*O conego François Houtard revelou em Nova Delhi que o arcebispo auxiliar de Luanda o informou em dezembro de 1970 de que as tropas portuguesas haviam massacrado cerca de 300 africanos, tres meses antes, em represália pela morte de um cidadão lusitano.

\*Em Bonn, o ministro da defesa da Alemanha Federal, Leber, declarou que "as acusações contra Portugal são um tema muito sério para a NATO".

\*Os padres espanhóis Julio Moro e Vicente Berenger declararam estar dispostos a prestar depoimento perante a Comissão de Descolonização da ONU a respeito dos massacres realizados pelas tropas portuguesas em Moçambique. Durante uma conferência de imprensa, em Bruxelas, ambos reafirmaram e ampliaram as suas denúncias. Os jornais da capital belga deram a maior cobertura ao acontecimento.

\*A organização internacional "Pax Christi" dirigiu apelo à ONU e ao Vaticano para que exijam das autoridades portuguesas de Moçambique maior respeito pelos jornalistas estrangeiros.

\*No Consulado de Portugal em Cardiff, Inglaterra, explodiu uma bomba.

\*Em Lisboa e no Porto, o peixe está sendo vendido ao público a preços 60% acima da tabela oficial. O leite pasteurizado também aumentou: em Lisboa, o preço do litro ao consumidor é de 7,1 escudos.

\*O embaixador de Caetano no Brasil, sr. José Hermano Saraiva, durante sua visita a São Paulo foi grosseiro com vários jornalistas que o interrogaram a propósito da chacina de William. Uma das suas preocupações, em conversa com altas personalidades, foi desmentir qualquer ligação entre o Exército português e a famosa foto do Der Spiegel sobre a execução de um patriota da FRELIMO por paraquedistas (foto que republicanos em nossa última edição e foi agora divulgada por centenas de jornais em todo o mundo). Segundo o sr. Saraiva os paraquedistas são belgas... Incrível, mas verdadeiro.

\*Segundo o "Jornal do Brasil", 29 de julho, dos 380.000 portugueses residentes no Brasil apenas 231 obtiveram até agora a documentação que lhes confere o direito à dupla nacionalidade. Esclarece o diário carioca que as dificuldades são criadas pelos entraves burocráticos. Ao que parece, é extremamente difícil obter o documento comprobatório de que o requerente se acha no pleno gozo de seus direitos políticos. E mais difícil ainda é a folha corrida com o Nada Consta da FIDE-DGS.

## 5 de Outubro

Em comemoração ao 63.º aniversário da implantação da República em Portugal, realizar-se-á no dia 5 de outubro, no CENTRO DEMOCRÁTICO ESPANHOL, à Rua Wandelkoc, 462, (primeira travessa à direita da Radial Leste) pelas 20 horas, um coquetel de confraternização dos republicanos democratas.


Os convites encontram-se à venda no local e podem também ser adquiridos em nossa Redação.

**TULIPA  
VERMELHA**

Onde quer que viva, se o seu problema é:

- assinar jornais e revistas unitárias em língua portuguesa,
- obter livros portugueses e brasileiros de estudo, cultura geral ou recreio, escreva-nos:

Tulipa Vermelha — Postbus 12039, Amsterdam — Holland



**agência TRIÂNGULO de seguros s.a.**

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 255 (GALERIA CALIFÓRNIA),  
11.º andar, conj. 1.107

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

SAO PAULO

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

ENVIA  
ESTE NUMERO  
PARA PORTUGAL



# A GREVE DA TAP

Durante o mês de julho a maioria dos funcionários dos Transportes Aéreos Portugueses realizou uma greve que, pela sua grande repercussão externa e interna, provocou o alarme da cúpula fascista.

A primeira paralização verificou-se no dia 12 e prolongou-se por duas horas. Nos dias seguintes, o movimento prosseguiu. No dia 15, o trabalho foi suspenso durante 8 horas. Uma constante: a cêra durante as horas de serviço.

O Governo de Caetano reagiu com a tradicional brutalidade. A PSP e a PIDE-DGS ocuparam o Aeroporto da Portela. Durante dias, o acesso a qualquer dependência foi proibido e somente eram autorizados a entrar no aeroporto os passageiros e os funcionários cujos nomes constavam de uma lista. Até os passageiros em trânsito manifestaram a sua indignação ante o comportamento das autoridades. A cantina foi fechada e a empresa teve de pagar 45 escudos diários a cada empregado como compensação dos prejuízos sofridos. Mas a confusão era geral, reflectindo-se nas atalhoas explicações oficiais. Primeiro disseram que a cantina não podia funcionar pois o mobiliário sofrera estragos durante os choques entre a polícia e os manifestantes. A PIDE apresentou uma versão tipicamente fascista dos acontecimentos. As cargas policiais — que impressionaram viajantes estrangeiros, pela sua brutalidade — foram transformadas em "ação defensiva das forças da ordem". Oficialmente quem quebrou janelas e mesas foram os funcionários. Entretanto, dias depois, como a cantina continuasse aberta para alguns privilegiados, a empresa explicou que estava pagando um subsídio de alimentação porque a polícia não queria que o pessoal se reunisse ali.

O governo não conseguiu esconder totalmente os fatos. O jornal "O Seculo" informou que nos incidentes do dia 12 morreu uma pessoa. A polícia desmentiu. Mas o escândalo já então adquirira proporções nacionais. Lisboa inteira sabia que a polícia praticara actos de vandalismo na repressão de uma pacífica manifestação do pessoal, que exigia melhores salários e outras vantagens.

A firmeza, a coragem e a unidade dos trabalhadores da TAP acabou forçando o governo a um

## Leopoldo Nachbin

Numa clara demonstração do seu grande prestígio intelectual, o prof. Ruy Luis Gomes foi designado em Junho pelo Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco para saudar em nome dos seus colegas o prof. Leopoldo Nachbin, durante a solenidade da entrega do título de doutor honoris causa a aquele eminente matemático.

No discurso que pronunciou durante o acto realizado na Sala João Alfredo, na Reitoria da Universidade, o prof. Ruy Gomes salientou, como parainfo, que os matemáticos portugueses se associavam à homenagem prestada ao grande cientista brasileiro através de mensagens enviadas pelos profs. Alfredo Pereira Gomes, da Universidade de Lisboa, e Luis Neves Real, da Universidade do Porto.

recuo. Quando os operários responderam à violência com a violência, a reacção foi de pânico. A polícia levou muito a sério a advertência de que, se voltasse a invadir os hangares e as oficinas, o pessoal jogaria no solo skydroll — um óleo que queima — e os esbirros da PIDE e da PSP e os cães sofreriam as consequências.

Entretanto dos 18 aviões da frota da TAP, 15 ficavam retidos no solo, em Lisboa e outro em Bissau na Guiné. Apenas dois realizaram voos normais. Mas mesmo nesses havia pessoal solidário com o movimento. As hospedeiras não atendiam os passageiros e as refeições foram servidas em condições precárias. A greve da TAP foi assunto em dezenas de aeroportos internacionais.

Em Lisboa, na fase inicial do movimento, quando quiseram adoptar a linha dura, até os diretores trabalharam com tractores. Mas nada funcionava desde os telefones aos Walkie-talkies. As oficinas estavam paradas e não apareciam peças de substituição. Houve aviões que saíram sem piloto automático e com os breaks em mísero estado. No final, a empresa capitulou. Há três anos que os senhores directores vinham advertindo que nenhum aumento seria superior a 7%. Agora eles mesmos apressaram-se a prometer 12%.

A solidariedade do povo aos grevistas foi calorosa e ampla. Dezenas de sindicatos enviaram telegramas de apoio ao movimento.

# A Greve dos bancários

LISBOA (Do Correspondente) — Durante o mês de julho, em defesa das suas legítimas reivindicações, os bancários deflagraram uma série de greves que receberam o apoio da população e demonstraram a unidade e a combatividade da importante categoria profissional.

Apresentamos, a seguir, um resumo dos acontecimentos mais significativos:

A deflagração da greve foi decidida em junho, após uma grande assembleia.

No dia 4 de julho a palavra de ordem de greve de meia-hora. Esta greve ocorreu das 14 às 14.30 horas em virtude do tribunal arbitral ter aprovado por maioria o trabalho eventual.

No dia 5 de julho, a palavra de ordem é seguida e nas sedes dos bancos mais importantes, como Banco Tota e Açores, Banco Pinto e Sotto-Maior, Banco Português do Atlântico, a percentagem de grevistas atinge quase 100%.

6 de julho: greve de meia-hora (14 às 14.30). Outros bancos aderem e o movimento estende-se às agências urbanas e na província. O tribunal termina o trabalho neste dia.

9 de julho: assembleia geral dos sindicatos de Lisboa, Coimbra e Porto. As direcções informam os associados sobre a forma como decorreu a arbitragem e seus resultados e também sobre os pontos em que o árbitro sindical votou vencido. As direcções consideram a novo Contrato ilegal por ser menos vantajoso para os trabalhadores do que o precedente. Estas assembleias têm uma assistência recorde em Lisboa, com cerca de 5.000 pessoas, que gritam em coro: greve, greve! Em plena assembleia



O padre inglês Adrian Hastings, autor do artigo, no "Times", de Londres, que revelou ao mundo a chacina de Williamo

## OUÇA A RADIO PORTUGAL LIVRE

Diariamente das 8 às 8.30 em 50 metros; das 20 às 20.30 e das 22.13 às 22.43 em 32 metros; e das 0.30 às 0.50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 às 13.30 em 19,20 25 e 26 metros.

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

marca-se uma greve para o dia seguinte.

10 e 11 de julho: a greve estende-se a quase todos os bancos e mesmo à província, abrangida pelo sindicato de Lisboa. Tentativa de greve no Porto. O sucesso da greve em Lisboa deve-se principalmente ao facto de alguns dos trabalhadores mais activos terem feito piquetes de greve à porta dos outros bancos.

11 de julho: o Montepio Geral e o Banco Fonsecas & Burnay fazem "lock-out" durante toda a tarde. 12 de julho: De manhã, vários bancos avisam os empregados de que não recorrerão a medidas disciplinares se o movimento parar, mas que tomarão medidas se a greve continuar na parte da tarde. As 14 horas, a polícia instala-se à porta dos bancos e impede os piquetes. Resultado: greve de 1 hora. Vários trabalhadores são suspensos. Os patrões ameaçam com despedimentos. No Porto, há uma manifestação, a polícia carrega e há uma greve de 15 minutos.

13 de julho: greve de meia-hora, mas em alguns bancos a palavra de ordem não é seguida.

Greve de 15 minutos em Coimbra e no Porto.

O governo recusa as reivindicações dos trabalhadores e homologa o Contrato.

## REIVINDICAÇÕES

São as seguintes as reivindicações dos trabalhadores:

- 1) Actualização dos salários em função do aumento do custo de vida. O levantamento publicado pelo "Economista Sindical", baseado em estatísticas oficiais, apresenta um índice de desvalorização salarial de 40%; mas o Tribunal arbitral propôs um aumento ridículo.
  - 2) Actualização das reformas.
  - 3) 30 dias de férias para todos.
  - 4) ser ilegal o "trabalho eventual" que o novo Contrato estipula. Nesta base, os bancos podem contratar empregados por períodos limitados em concorrência com os empregados do banco, e isto num regime quase colonial.
  - 5) Não ter sido cumprida a palavra dada pelo ministro do trabalho em 1965, quando os trabalhadores começaram a trabalhar mais meia-hora por dia com a condição de ser tida em conta nas futuras negociações do sábado.
- O que não aconteceu agora, pois foi decidido o encerramento dos bancos ao sábado.

# CONSPIRAÇÃO CONTRA O MPLA

Eliminar fisicamente Agostinho Neto e os dirigentes mais prestigiados do MPLA; asfixiar a luta armada através do encerramento da fronteira entre Zâmbia e Angola; fomentar rivalidades tribais e criar um grupo dirigente fantoche disposto a negociar uma "via pacífica" para uma solução neo-colonial — eis o plano que visava a liquidar a Resistência na colónia portuguesa.

Esse plano em tudo paralelo ao assassinio de Amílcar Cabral está sendo preparado há varios meses. E surge como ameaça muito grave não só contra a revolução angolana, mas contra todos os movimentos que lutam pela verdadeira libertação da Africa.

Foi um acontecimento recente que alertou os observadores mais cépticos. Os pedestres que na noite de 8 de julho passeavam nas ruas de Dar Es Salaam viram chegar os vendedores do "Sunday News" — órgão do governo com um título que ocupava toda a primeira página: "Nyerere volta como líder de Angola". Na aparência isso não seria estranhavel se o líder angolano em questão fosse o presidente do MPLA, Agostinho Neto, personalidade muito conhecida e tida em alto apreço pela opinião publica de Tanzania.

Mas tratava-se de Holden Roberto, líder da FNLA e presidente de um pretenso governo revolucionário de Angola (GRAE) cujo nome raramente aparecia na imprensa e era quase desconhecido nos meios oficiais de Dar Es Salaam.

Foi graças a Neto que Roberto, esquecido por toda a gente, excepto por Mobutu e certos lobbies ocidentais, ressuscitou politicamente. Cabe recordar que no fim de 1972, a direcção do MPLA aceitou firmar em Kinshasa um acordo para a unificação das duas organizações. Duas considerações tinham ditado essa opção a NETO: a consciencia do perigo da existência mesmo no papel, de uma segunda organização nacionalista, mais proxima do Ocidente; e a promessa de que, concluido o acordo, as forças do MPLA poderiam atravessar livremente a fronteira entre Angola e o Zaire.

A reconciliação — mais exactamente um ato de clemencia de parte do MPLA — fez-se sob a égide de uma comissão formada pelos presidentes Mobutu, Ngouabi, Nyerere e Kaunda.

As negociações chegaram rapidamente a um impasse. Enquanto o MPLA confirmava a sua escolha para uma luta revolucionária de longa duração, Holden Roberto, movido pelo intuito evidente de poluir a Revolução angolana, propunha uma mudança de estratégia politica militar e de tática para "iniciar imediatamente negociações com vista à independência".

Negociações com quem? perguntou Neto. Roberto respondeu que certos países africanos e não africanos estavam dispostos a trabalhar para forçar Portugal a sentar-se na mesa de negociações. Neto, consciente da perspectiva neo-colonialista da proposta, declarou que o povo angolano não mendigaria a sua independencia a ninguém e menos ainda a Portugal. A luta libertadora para a construção de uma nova sociedade em Angola prosseguirá até o dia em que os fascistas portugueses solicitassem eles mesmos negociar a sua saída do país.

Mas Holden não estava só. Enquanto negociações entravam em ponto morto, os serviços de segurança do MPLA descobriam, em abril, uma rede de falsos militantes que se preparavam para assassinar — fora do território angolano — Agostinho Neto e os principais responsáveis do Partido. Os assassinos e as armas que haviam escondido foram descobertos e tornou-se fácil reconstruir o processo da sua infiltração. Todos provinham de uma das regiões libertadas — a frente Leste onde, em outubro e novembro, as vespers do acordo entre o MPLA e a FNLA, numerosas deserções tinham ocorrido no seio das "unidades especiais" portuguesas. Militares africanos tinham abandonado o exercito de Caetano para se unir ao MPLA.

O partido de Neto lamenta agora ter cometido o erro que foi quase fatal ao PAIGC: aceitar a reabilitação apressada de desertores que agiam com um objetivo bem pre-

ciso e que, para tanto, tinham recebido um prolongado e meticoloso treino.

Sua missão consistia em preparar o assassinio dos dirigentes do MPLA e realizar nas zonas libertadas "um trabalho politico tendente a criar cliques tribais". E ainda estabelecer contactos com um ou mais quadros dirigentes ambiciosos e implicá-los numa operação divisionista do movimento. Os conspiradores agiram com tal eficiencia que entre novembro e abril, após a descoberta da conjura, o MPLA teve de recorrer quase a um estado de emergencia em todas as regiões da frente Leste. Foi necessário congelar a comissão dirigente (40 membros) e nomear um comité restrito que assumiu a responsabilidade pelo trabalho politico e militar, modificou os planos militares e lançou uma campanha de esclarecimento entre os militantes e o povo, a fim de eliminar as consequências da conjura.

Mas a conspiração, desmascarada nas fileiras do MPLA, continuou fora deias. Referimo-nos à ofensiva lançada por Mobutu e certas potencias ocidentais, tão logo se verificou que o MPLA não caíra na armadilha de Holden Roberto.

Em Zâmbia, país que desempenha o papel mais importante para o subestabelecimento em armas da guerrilha angolana, certos elementos do governo adversarios de Kaunda e que têm simpatias entre as forças armadas, começaram há tempo criando dificuldades ao MPLA: controles estritos na fronteira, limitação de autorizações para regressar a Zâmbia, restrições à livre circulação no territorio nacional etc. Não é menos inquietante que a imprensa zambiana tenha ressuscitado a "UNITA", grupelho não reconhecido pela Organização de Unidade Africana e que antes fora banido do territorio de Zâmbia.

Até o dia 8 de julho, do lado de Tanzania não havia preocupações. Quem, efetivamente, poderia admitir que um líder como Nyerere se deixaria envolver por uma armadilha tão grosseira? Seja qual for a verdade, como interpretar o facto de que Nyerere volte a Dar Es Salaam de braço dado com Holden Roberto e o receba como líder da Revolução Angolana. Como não ficar alarmado ante um insulto tão grave a Neto que estava então, também, em Dar Es Salaam? Convm evitar juízos precipitados, mas o desenvolvimento da situação é muito grave.

A Africa moderada e aliada ao Ocidente mudou de estratégia como se verificou durante a ultima cúpula da OUA — no que diz respeito à libertação da Africa Austral. Manifesta agora, de repente, um interesse estranhamente "revolucionário" em face dos movimentos de libertação, como o demonstram as atitudes do Kenia, da Etiopia, etc. O preço dessa africanização do apoio à luta de libertação é a "domesticação" dos grupos dirigentes revolucionarios e a preparação de uma nova página de descolonização controlada.

O clã de Mobutu pode desencadear de um momento para outro uma guerra civil em Angola e "palestinizar" o processo revolucionário. Basta ter presentes os seus laços cada vez mais íntimos com o colonialismo português, em flagrante violação das resoluções da OUA.

(transcrição parcial de um artigo de Pietro Petrucci, publicada em 20 de agosto na revista "Africa-Asie", de Paris).

PORTUGAL DEMOCRÁTICO  
R. L. Baduró, 488 - 5.º S. S. - SP - Brasil

## Portugal de Caetano: o último colocado

A Holanda foi apontada como o melhor país para se viver na Europa, numa pesquisa feita pela revista francesa Vision em 15 países, abrangendo os mais diversos setores da vida do dia-a-dia, como o horário de trabalho, o clima, alimentação, telefones, índice de suicídios, média salarial, etc.

A revista usou um critério de atribuir pontos aos vários itens, somando a Holanda um total de 15. Em seguida, vêm a Dinamarca (13), a Suécia (12), a Noruega (10), a Inglaterra (8), a França (7), a Alemanha Ocidental e Suíça (6), a Espanha (5), a Bélgica e Finlândia (3), a Austria (2), Itália (1) e Irlanda e Portugal com zero.

(in "Jornal do Brasil", Rio, 25-7-73)

ANO X  
P  
Pela tr  
da feil  
de p  
eliviam.  
gransa  
Democr  
pós a  
GU  
A Ass  
conhida  
nos. n  
despen  
Guiné-1  
Luis  
Cabral,  
conselh  
do sica  
scho c  
cate 1  
Suma  
de os  
sôre a  
re Est  
agorosi  
Arulid  
civiva  
terras  
ental  
PAIGC  
Com  
frica (c  
salam  
lado s  
rmias.  
do ofi  
pistas  
sua l  
membro  
nulos  
as e  
pava  
prin  
recoi  
Europa  
eran  
USS  
a envi  
dita  
pões  
Bunubi  
Thilisi  
na Si  
Latre-  
Lilia,  
grita,  
De c  
public  
oração  
e recoi  
a com  
grasso  
pald 5  
recoi  
nutriç  
gias E  
pedir  
Guiné-  
De o  
admite  
screce  
na Or  
stenci  
no Co  
a ridi  
de Cae  
que o  
nuncic  
ram cu  
portug  
perape  
dido c  
vocará  
leme  
rotação  
Com  
inicial  
de-Bia  
confir  
ro pu  
os co  
frenta  
argelli  
des P  
peram  
ôbs c  
mos  
- disse  
mome